AFROS & AMAZÔNICOS

O Negro em Rolim de Moura

*Everaldo Lins de Santana**

Resumo: Este artigo visa tocar, pela primeira vez e de forma sucinta, na questão do negro no município de Rolim de Moura. É uma tentativa de citar a contribuição do negro, dos afrodescendentes na construção deste município e refletir sobre a invisibilidade desses descendentes, além de repensar, de questionar a dita "democracia racial" e chamar a atenção dos próprios negros para a necessidade de se ter consciência de sua própria negritude.

Palavras-chave: Negritude; Democracia racial; Consciência social.

Abstract: This article aims to touch, for the first time and succinctly, on the issue of blacks in the city scored by Rolim de Moura. It is an attempt to quote the contribution of blacks, afro-descendants in the construction of this municipality and reflect on the invisibility of these descendants, in addition to rethinking, questioning the Said "Racial democracy" and draw the attention of blacks themselves to the need to be aware of their blackness itself.

Keywords: Blackness, Racial democracy; Social conscience.

Introdução

Rolim de Moura é um município da zona da mata do estado de Rondônia considerado uma referência nessa zona e com uma população que congrega pessoas descendentes, direta ou indiretamente, de branco, índio e negro. Em função disso, é possível afirmar que Rolim de Moura reflete a composição da própria população brasileira como um todo. Entretanto, mesmo considerando essa diversidade na composição da população brasileira, a sociedade, de um modo geral, e a sociedade rolimourense, de um modo particular, tratam de forma diferente as duas etnias: a indígena e a negra. Tanto o índio quanto o negro são objetos de preconceitos; porém, o negro, principalmente pelo seu aspecto físico, é alvo permanente de preconceito, racismo, discriminação e até segregação.

Quando se chega pela primeira vez ao município de Rolim de Moura e se passa a conviver no cotidiano com os rolimourenses, é possível perceber a quase ausência de negros, de afrodescendentes nos bairros ditos "nobres", nos lugares mais centrais da cidade; nesses espaços, eles, os negros, são quase invisíveis. Podemos até perguntar onde estão os negros de Rolim de Moura. Vamos encontrar esses negros nos bairros ditos "menos nobres", eles estão nas periferias, nos lugares, nos espaços mais distantes da cidade, até parece que eles são empurrados para esses espaços. Até parece que existe o espaço dos negros. É facilmente perceptível, numa cidade como Rolim de Moura, o lugar do negro e o lugar do branco e a diferença de classes sociais.

Além disso, oculta-se, de maneira propositada, a grande contribuição dos afrodescendentes, para o município, nas áreas sociais, econômicas e políticas. Associado a isso, verifica-se que os próprios negros rolimourenses não se mobilizam nem tomam iniciativa no sentido de se conscientizarem quanto a sua própria negritude e assim incorporam valores que inferiorizam a si mesmos, entre os quais, a falsa "democracia racial". Esses valores, então, os conduzem, dessa maneira, a uma alienação.

* Professor de Filosofia, Mestre em Etnolinguística africanista pela UNIR e Doutorando em Etnolinguística africanista pela UAN – Universidade Agostinho Neto, África.

Nº DOI: 10.47209/2675-6862.v.1n.1.p.35-40

Negritude

Podemos entender o conceito de negritude como “um conjunto de valores culturais e espirituais do mundo negro”, na visão do escritor e político africano do Senegal Léopold Sédar Senghor. Esses valores culturais e espirituais se expressam através de traços linguísticos, de costumes, hábitos, crenças, ancestralidade, musicalidade, dança, conhecimento, sabedoria, provérbios e ideias. Assim, vê-se que a negritude (Termo surgido na década de 1930 e atribuído ao escritor negro da Martinica Aimé Césaire) consiste numa visão de mundo, concreta e abstrata, dito de outra forma, organiza-se como expressão de uma filosofia, e em particular uma filosofia de vida concebida pelo negro.

No Brasil, a negritude adquire uma forma “sui generis”, pois é um país que mais recebeu contribuição do negro africano, além de ser também a nação, fora a África, a ter maior população negra. Vale salientar, ainda, que foi o último país das américas a abolir o sistema de escravidão.

O negro em Rondônia

Já se conhece, até de maneira exaustiva, o mecanismo histórico da presença do negro no Brasil, entretanto, até pouco tempo, questionava-se a sua presença na região amazônica, isso em função do desconhecimento aliado a uma visão ideológica que alguns grupos, tanto de uma elite econômica e política quanto de uma elite acadêmica, articulavam no sentido de negar a relevante expressão do negro nesta importante região brasileira.

A entrada na região amazônica do negro, como escravizado, deu-se por meio das atividades de mineração e na execução de toda espécie de trabalho (é bom lembrar que essa palavra está relacionada com suplício, sofrimento). Em relação a Rondônia, o negro é levado, como escravizado, para esse estado através do Vale do Guaporé, do Guaporé rondoniense. Além do Vale, o negro escravizado está presente em Porto Velho, capital do Estado, na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

No Estado de Rondônia, composto por 52 municípios, Porto Velho, sua capital, é uma cidade onde a negritude apresenta-se com mais pujança, com grande força e mobilização de grupos de negros organizados. Lá estão sediados a ACCUNERAA (Associação Centro de Cultura Negra e Religiosidade Afro-Amazônica) e o CONEGRO (Conselho Municipal do Negro). Entre várias produções concretas sobre a negritude em Porto Velho, em função da mobilização das entidades negras, uma foi o lançamento, no dia 19 de fevereiro de 2008, em parceria com a prefeitura e a fundação cultural municipal IARIPUNA, de um CD, primeiro registro de cantos de terreiros em Porto Velho. Estão gravadas nele 15 músicas sacras de saudações às entidades das cinco expressões das religiões de matriz afro-brasileira presentes em Porto Velho como jeje, nagô (keto), mina, angola e umbanda. Estima-se, não oficialmente, que em todo o estado haja aproximadamente 700 casas de culto de terreiro e na capital, onde há a maior concentração de templos de religiões afro-brasileiras, chega-se a um número próximo a 150 terreiros.

Já foi mencionado, neste trabalho, que Rondônia tem 52 cidades, considerando que o número de negros, afro-brasileiros, corresponde, aproximadamente, à metade da população brasileira, isso nos conduz a dizer que existe uma grande probabilidade de que em cada município rondoniense a presença do negro seja inquestionável, embora essa mesma presença não seja percebida com facilidade, uma vez que, em alguns municípios, os negros estão nas localidades mais afastadas ou mais periféricas em relação aos brancos, presentes em espaços mais centralizados.

Presença do negro em Rolim de Moura

Entre as 52 cidades de Rondônia, vejamos, em particular, em termo de manifestação da negritude, o município de Rolim de Moura.

O próprio nome do município Rolim de Moura é um atentado à negritude, pois, por incrível que pareça e pasmem os de "boa alma", foi escolhido para homenagear o português Antonio Rolim de Moura Tavares, governador de Mato Grosso em 1749, um grande defensor da escravidão e administrador de negros escravizados. Ele sempre exigia mais escravos para sua capitania.

Figura 01: Localização de Rolim de Moura

Mencionar a temática da negritude num município cujo nome enaltece uma figura histórica que teve um papel relevante na manutenção da escravidão no Brasil é historicamente uma forma de refletir sobre a questão do negro numa sociedade implicitamente preconceituosa e racista.

Rolim de Moura, conforme mapa acima, é um município que se formou a partir do incentivo, por parte de autoridades governamentais, à colonização e, nesse sentido, o fenômeno da migração marcou profundamente esta cidade a tal ponto de, no próprio hino do município, ter um verso que destaca esse fato. Vejamos:

> (...) Deus protege os migrantes desta pátria (..) é uma homenagem salutar a quem saiu de sua terra natal para recomeçar nova vida em terras distantes e desconhecidas. Com uma população de aproximadamente 50.000 habitantes, entre os quais estão os negros, consagra-se como a capital da zona da mata e se emancipa politicamente em 05 de agosto de 1983.

Sobre as manifestações culturais dos afrodescendentes no município, sabe-se que são tidas na conta de exóticas, folclóricas e colocadas em segundo plano, servindo apenas para compor um cenário para datas comemorativas, eventos escolares e curiosidades da população.

> (...) fica difícil sustentar a idéia de que o racismo antinegro no mundo atual é mera sobrevivência do seu passado histórico enquanto escravizado. A sociedade produz novas formas de racismo que nada tem a ver com o passado escravista. (MUNANGA, 2005, p. 131)

Se tivermos a curiosidade de folhear alguns livros sobre a história de Rolim de Moura, nada é mencionado , de forma consistente, a respeito da presença relevante de traços culturais do negro na sociedade rolimourense, muito menos sua contribuição na construção dessa cidade. Parece que o negro é um fantasma, um ser invisível.

Apresentam-se hoje duas questões cruciais: a primeira sendo, se a cultura negra é hoje visível, tolerada e integrada nos símbolos constitutivos da cultura nacional, por que então não foi integrada no sistema educacional brasileiro no qual predomina a orientação monocultural eurocêntrica? E a segunda: onde ficam os homens e as mulheres negras, produtores dessa cultura? É a famosa questão da invisibilidade do negro! (MUNANGA, 2005, p.139).

Como a sociedade de Rolim de Moura é um reflexo da sociedade brasileira e esta ainda acredita no mito da democracia racial, então o que se ouve é a afirmação de que negros e brancos convivem harmonicamente, de que o negro tem as mesmas oportunidades dos brancos, de que os direitos são iguais para todos e que não existe preconceito nem discriminação; entretanto, na prática cotidiana, os afro-brasileiros de Rolim de Moura são alvos constantes e sistemáticos de discriminação e preconceito que se expressam por meio de gestos, comportamentos, palavras, olhares, piadas, brincadeiras e insinuações.

Expressas as ponderações acima, adentremos na sociedade rolimourense

e empreendamos um olhar atencioso na busca pelas manifestações de negritude. Num relance de olhar, encontramos escolas de samba, capoeira, expressões linguísticas, roupas coloridas e estampadas, uso de boné, ritmos musicais como rap, rock, funk, hip-hop e religião.

Comecemos com as escolas de samba. Elas surgiram no Rio de Janeiro na década de 1920, mais precisamente com a "primeira escola de samba" conhecida como "Deixa Falar" no ano de 1928. O nome "escola de samba"foi dado porque os ensaios e reuniões aconteciam ao lado de uma escola normal; essas agremiações ou blocos de carnaval não tinham nada a ver com ensino de samba e nunca se constituíram como escolas. Em Rolim de Moura, existem duas escolas de samba cujos nomes são: Falcões do Planalto e Acadêmicos da Liberdade. Estima-se que desde 1997 há desfile na cidade e há também quem diga que este é o único município do interior a realizar tal evento. É importante observar que, numa escola de samba, as duas figuras mais importantes são o mestre-sala e a porta-bandeira, pois ambos representam, simbolizam a escola. O mestre-sala tem duas funções, cortejar a porta-bandeira e proteger a bandeira. A dança desse casal é uma combinação de danças africanas e bailados europeus.

Outra belíssima manifestação de negritude, praticada por jovens e adultos rolimourenses, é a capoeira. Pelo Estatuto da Igualdade Racial, a capoeira é considerada esporte, luta, dança e música e o governo fica responsável para incentivar sua prática. A palavra "capoeira" parece ser provavelmente aparentada com algum termo de uma das línguas africanas bantu. Costuma-se dividir a capoeira em angola (mais lenta) representada pelo mestre Pastinha e capoeira regional (mais rápida) representada pelo mestre Bimba. Ainda sobre esse particular, tem-se que

> Há várias espécies de capoeira: (a) de Angola; (b) Angolinha (variação da primeira); (c) São Bento Grande; (d) São Bento Pequeno; (e) Jogo de Dentro; (f) Jogo de Fora; (g) Santa Maria; (h) Conceiçaõ da Praia; (i) Assalva (salva, saudação) Senhor do Bonfim. Todas essas espécies se distinguem por variações sutis, às vezes pela maneira de tocar o berimbau, coisa que só mesmo os capoeiristas decifram. (CARNEIRO, p.219)

Esses dois exemplos de expressão cultural do negro, a escola de samba e a capoeira têm um grande significado histórico e simbólico, porque representam a resistência e a luta de um povo que aspira apenas ao reconhecimento da sua dignidade. Além disso, se fizermos uma releitura crítica de alguns símbolos presentes nas escolas de samba, veremos que eles escondem uma riqueza de informações que diz respeito não só aos afro-brasileiros, mas também remete à história de luta do próprio povo brasileiro, da nação brasileira. Isso pode ser dito também para os rolimourenses, ou seja, conhecer os traços culturais da população afro-rolimourense implica em conhecer melhor a formação do próprio povo de Rolim de Moura.

É sabido que, linguisticamente, o negro contribuiu, de maneira formidável, para a formação da língua portuguesa. É possível perceber essa contribuição na própria fala dos moradores de Rolim de Moura. Um exemplo disso são os seguintes termos: muleque, samba, bunda, macumba, umbanda, caçula, munguzá, marimbondo, jiló e outros. Esses termos têm grande probabilidade de serem aparentados com os de línguas bantu da África central.

Além disso, os negros, os afrodescendentes, têm contribuído com o município de Rolim de Moura nas seguintes áreas: comunicação, educação, no comércio, na política, no meio empresarial, em órgãos públicos e privados, hospitais, na religiosidade, no setor de diversão, enfim, em todos os setores da vida social, econômica e política desse município.

Autodeclaração dos negros de Rolim de Moura

No Brasil, há um sério problema quanto à autodeclaração (atitude que con-

siste em uma pessoa se declarar negra, parda, mulata ou preta) com implicações para as políticas de ação afirmativa.

Quanto à autodeclaração, em Rondônia e em especial Rolim de Moura, a seguinte tabela, numa leitura contextualizada, esconde e revela preconceito próprio de uma sociedade que se pauta por uma pseudodemocracia racial.

Tabela 01: Afro-Brasileiros por Municípios em Rondônia

Município	*Porgentagem*
Cujubim	0,37
Porto Velho	0,13
Ouro Preto do Oeste	0,11
Nova Mamoré	0,07
Candeias do Jamari	0,06
Cerejeiras	0,05
Guajará-Mirim	0,05
Alto Paraíso	0,03
Mirante da Serra	0,02
Rolim de Moura	0,01
Alta Floresta D'Oeste	0,00
Ariquemes	0,00
Cabixi	0,00
Cacoal	0,00
Colorado do Oeste	0,00
Corumbiara	0,00
Costa Marques	0,00
Espigão D'Oeste	0,00
Jaru	0,00
Ji-Paraná	0,00
Machadinho D'Oeste	0,00
Nova Brasilândia D'Oeste	0,00
Pimenta Bueno	0,00
Presidente Médici	0,00
Rio Crespo	0,00
Santa Luzia D'Oeste	0,00
Vilhena	0,00
São Miguel do Guaporé	0,00
Alvorada D'Oeste	0,00
Alto Alegre dos Parecis	0,00
Buritis	0,00
Novo Horizonte do Oeste	0,00
Cacaulândia	0,00
Campo Novo de Rondônia	0,00
Castanheiras	0,00
Chupinguaia	0,00
Governador Jorge Teixeira	0,00
Itapuã do Oeste	0,00
Ministro Andreazza	0,00
Monte Negro	0,00
Nova União	0,00
Parecis	0,00
Pimenteiras do Oeste	0,00
Primavera de Rondônia	0,00
São Felipe D'Oeste	0,00
São Francisco do Guaporé	0,00
Seringueiras	0,00
Teixeirópolis	0,00
Theobroma	0,00
Urupá	0,00
Vale do Anari	0,00
Vale do Paraíso	0,00

Fonte: CPS/FGV através do processamento dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE

Conforme a tabela acima, é facilmente perceptível que há um certo receio (preconceito, discriminação, racismo) em uma pessoa se autodeclarar negro, afro-descendente, afro-brasileiro, pois os números percentuais não refletem a realidade. Por exemplo, e de acordo com a tabela, Rolim de Moura tem apenas 0,01% de afro-descendente, essa insignificante percentagem, de fato, expressa, representa o contingente de afrodescendentes de Rolim de Moura? Com exceção dos 9 primeiros municípios, cujas percentagens podem também ser questionadas, o que se pode dizer dos 0,00% dos outros restantes municípios? Será que nesses municípios não existem negros?

Para fazer frente a esses inexpressivos números percentuais, é preciso acordar do sono da alienação no qual está a maioria dos afrodescendentes de Rolim de Moura e dizer que Ser negro é:

> (...) tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si mesmo, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA,1983, p.77)

E mais, é preciso dizer e relembrar para a população de Rolim de Moura que esses negros ou afrodescendentes, em sua maioria, estão nos bairros ditos "menos nobres", eles estão nas periferias, nos lugares, nos espaços mais distantes da cidade, até parece que eles são empurrados para esses espaços. Até parece que existe o espaço dos negros. É facilmente perceptível, numa cidade como Rolim de Moura, o lugar do negro e o lugar do branco e a diferença de classes sociais.

Conclusão

A preocupação com a questão do negro no município de Rolim de Moura se faz necessária e aponta para os seguintes fatos: existência de uma pseudodemocracia racial, a relevante contribuição dos afrodescendentes para o desenvolvimento econômico e social do município, o papel e o status social do negro numa sociedade, como a de Rolim de Moura, que dá ênfase às aparências em detrimento ao que de mais humano existe no ser humano. Além disso, podemos perceber que, através de índices percentuais, isto é, por meio de estatísticas, é possível ler nas entrelinhas o quanto de preconceito, racismo e discriminação ainda existe entre a população rolimourense e que a mesma os cultiva. Cultivo esse que se expressa em piadas, gestos, insinuações, na exigência da boa aparência, na valorização quase doentia do branco, da loira, do loiro, do olho colorido, verde, azul.

Quando, neste município, olha-se para o negro, esse olhar, de um modo geral, é um olhar folclórico, exótico, desconfiado; para muitos, aqui, nesta cidade, o negro ainda é um ser estranho, deve-se sempre desconfiar do negro, ou seja, o negro é um ser perigoso. Embora haja casamentos entre brancos e negros e exemplos de negros bem sucedidos, de afrodescendentes que ocupam posição de respeito na cidade, dando a impressão de que todos os negros são aceitos pela sociedade e que, portanto, estamos numa democracia racial, o preconceito continua velado, escondido, disfarçado.

É necessário que os afrodescendentes de Rolim de Moura discutam esse ínfimo percentual de 0,01% como representatividade do negro no município e que se conscientizem de seu importante papel como ator, agente e pioneiro em muitos fatos que marcaram este município.

É conveniente colocar, por fim, que em Rolim de Moura não existe ainda uma conscientização dos negros no sentido de se organizarem visando a formação de uma entidade que trate de seus direitos, que trate de políticas específicas para o negro, tais como, um conselho municipal do negro nem mesmo sequer há um movimento negro na cidade. A criação de um conselho e de um movimento negro dariam suporte para a implementação, de forma real, eficiente e organizada, da lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que diz:

> Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Referências

CARNEIRO, Edison. *Antologia do Negro Brasileiro*.s,l : Ediouro, s.d.

MUNANGA, kabengele. A redemocratização de 1945 e a crise do mito de democracia racial: Uma vista panorâmica. In: SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (Org.). A República e a Questão do negro no Brasil/ org. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Hino do Município de Rolim de Moura.